

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho” - UNESP
Instituto de Artes – Campus São Paulo

Leandro Sarracini

**ATELIÊ DE CRIAÇÃO DE PERSONAGENS FICTÍCIOS:
O desenho como instrumento de conexões sociais na
educação artística**

São Paulo
2024

Leandro Sarracini

**ATELIÊ DE CRIAÇÃO DE PERSONAGENS FICTÍCIOS:
O desenho como instrumento de conexões sociais na
educação artística**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes da
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho – UNESP como requisito
para a obtenção do Título de Licenciado
em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Pelópidas Cypriano de
Oliveira

São Paulo

2024

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

S247a Sarracini, Leandro, 1983-

Ateliê de criação de personagens fictícios: o desenho como instrumento de conexões sociais na educação artística / Leandro Sarracini. -- São Paulo, 2024.

34 f. : il.

Orientador: Pelópidas Cypriano de Oliveira
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Arte e educação. 2. Aprendizagem. 3. [Educação - Estudo e ensino](#). I. Oliveira, Pelópidas Cypriano de. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 707

Bibliotecária responsável: Luciana Corts Mendes – CRB/8 10531

Leandro Sarracini

**ATELIÊ DE CRIAÇÃO DE PERSONAGENS FICTÍCIOS:
O desenho como instrumento de conexões sociais na
educação artística**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes da
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho – UNESP como requisito
para a obtenção do Título de Licenciado
em Artes Visuais.

Aprovado em 23 de outubro de 2024

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira – Orientador
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Ricardo de Araújo Kobayashi Júnior
Mestre em Artes pela Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que me acompanharam e participaram nesta jornada. Aos profissionais do Instituto de Artes, em especial Vera e Marisa, por me auxiliarem no meu processo de formação.

Agradeço também ao professor Pelópidas, por ter aceitado a tarefa de me orientar e contribuir diretamente em meu desenvolvimento como aluno e futuro profissional.

Agradeço aos meus colegas de turma, monitores de disciplinas e demais envolvidos, por apresentarem uma visão diferente de uma vivência universitária, àqueles que estiveram próximos e puderam participar ativamente ou indiretamente de meus processos.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso é uma reflexão sobre a formação de vínculos e suas implicações no processo de ensino e aprendizado onde acompanhamos, através das experiências do autor, seus processos de construção de conhecimento. Com base nessas vivências, é construída uma proposta de aula que consiste em um laboratório de criação de personagens, um instrumento para criar conexões entre aluno, conteúdo e processos internos e externos dos estudantes envolvidos, utilizando da iniciativa do aluno como elemento principal para o desenvolvimento da atividade.

Palavras-chave: arte e educação, aprendizagem, educação – estudo e ensino.

ABSTRACT

This academic document is a reflection about the act of understanding human connections and its implications inside the process of teaching and learning, where we follow, through the author's experiences, his paths to build his own knowledge. Based on his story, we are presented with a character creation class, used as a tool to build connections between the students, the class contents, and the inner and outer processes inside each student involved, using his initiative as the main element to develop this activity.

Keywords: arts and education, learning, education – studies and teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Desenho realizado durante o ensino médio	16
Figura 2: Desenho realizado durante a década de 2000.	18
Figura 3: Relatos manuscritos do estágio supervisionado	22
Figura 4: Relato manuscrito do estágio em escola particular	24

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
1.1	Metodologia.....	9
1.2	Justificativa.....	10
1.3	Objetivos.....	11
2	UMA JORNADA COMO ALUNO.....	12
3	O ESTUDANTE DE ARTES QUE DESENHAVA PERSONAGENS.....	17
4	AS TENTATIVAS DE CONEXÃO (E A SUBSEQUENTE DESCONEXÃO).....	21
5	ESTRATÉGIAS DE ENSINO.....	28
5.1	Plano de ensino de uma oficina para o ensino não-formal.....	29
5.1.1	Objetivos.....	29
5.1.2	Conteúdo.....	29
5.1.3	Metodologia.....	29
5.2	Estruturação da aula para o ensino formal.....	30
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
	REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

A prática de atividades artísticas é parte fundamental da formação humana. Em nossos primeiros anos de vida, somos estimulados a exercitar nossos sentidos para compreender o mundo à nossa volta. Tocamos, sentimos cheiros, tentamos nos equilibrar sobre nossos pés, experimentamos o mundo dos sabores. Para além das demonstrações diretas, partimos para as representações pictóricas, imagéticas, onde buscamos descrever ações ou pensamentos além de nossas palavras.

O desenho é considerado como a mais primitiva das linguagens plásticas, capaz de expressar ideias, pensamentos e frutos da imaginação através de formas que possuem significado (Martins, 1992), e geralmente se fazem duas concepções distintas: o desenho infantil, considerada uma das manifestações mais importantes da criança que ainda não domina a linguagem escrita, onde através de várias experimentações ela busca o controle de seu corpo, exercendo atividades em que desenvolverá seu repertório afetivo e cognitivo (Rabelo Júnior, Oliveira, Ribeiro, 2016), e o desenho mais elaborado na idade adulta, onde o pensamento popular fixa-se na busca fidedigna pela representação de objetos ou pessoas dentro de um determinado contexto.

Nesta pesquisa direcionamos o foco para um desenho mais livre, experimental, porém com um propósito específico. Pensamos o ato de desenhar como uma forma de conexão dinâmica com nossas emoções, afetos, conhecimentos e mesmo com os nossos pares, outras pessoas também procurando conexões. Utilizamos a imagem do personagem para conceber uma forma a nossa visão particular do mundo, em um ato de autodescoberta e de compartilhamento das experiências e visões particulares, transformando a experiência do desenho em uma ferramenta pedagógica.

Esta proposta tem o formato de uma oficina, realizada em um ateliê, ou laboratório. Aqui, laboratório é um espaço comum para experimentos, onde se testam várias possibilidades para a obtenção de resultados variados, mas de uma forma mais livre, adotando as chamadas metodologias ativas, um recurso pedagógico que nos tempos recentes deixa de ser uma opção e passa a assumir o caráter de uma

medida necessária e indispensável. A aplicação pode se dar tanto no ensino regular quanto em uma oficina livre.

É importante deixar claro para o leitor o conceito de experiência, que serve como bússola para esta pesquisa. Através de autores como Celestin Freinet, John Dewey e Marie-Christine Josso, somos conduzidos a pensar no papel das nossas experiências enquanto estudantes, assim como o papel da experimentação no processo de ensino e aprendizado na transição para um papel de docência.

Através do ato de representar personagens fictícios busca-se um relato individual, intimista e ao mesmo tempo coletivo, que possui um grande potencial para ser um instrumento de expressão dos participantes da oficina, tornando visíveis aspectos psicológicos e didáticos que podem nos passar despercebidos em um primeiro momento.

1.1 Metodologia

Nesta pesquisa, o ponto de partida são minhas experiências pessoais enquanto aluno, estudante de artes e pessoa, assim como os relatos dos meus primeiros passos no exercício da docência. Esta pesquisa possui o caráter bibliográfico, onde realizo a organização das informações, além de verificar a relação entre o atual modelo de ensino de artes nas escolas e o ato de realizar experimentos com desenhos fora da sala de aula, assim elaborando uma proposta didática integradora, dinâmica e inclusiva.

Este processo possui elementos metodológicos apresentados pela socióloga e antropóloga Marie-Christine Josso (2010) a respeito dos processos de formação do educador, onde ela apresenta o conceito de *caminhar para si*, em que o relato de formação, de trajetória intelectual e das práticas de conhecimento do pesquisador assume o papel de uma ilustração metodológica na chamada Biografia Educativa, onde a pesquisa torna-se um processo desenvolvido no núcleo do desenvolvimento formativo do autor (Josso, 2010, p. 18). Além disso, é adotado um formato documental semelhante à proposta de Celestin Freinet, chamado de *Texto Livre*.

Os dois capítulos seguintes descrevem momentos de meu processo de aprendizado enquanto estudante e o quanto esses atos de busca ativa por recursos alheios à dinâmica do ensino regular podem ser elementos de uma futura proposta de aula. Ainda observamos as descobertas deste processo através de uma óptica de Freinet, onde busca-se observar as conexões entre a ideação pedagógica no contexto das aulas no ensino regular formal e a realidade (ou sua quebra) apresentada através da experimentação, do exercício da autonomia dos estudantes e de práticas coletivas desenvolvidas a partir de vivências individuais.

No quarto capítulo descrevo minha experiência no processo de mediador de conhecimento durante o estágio docente e as monitorias das disciplinas de mídia no ensino superior, prolongando a discussão sobre a necessidade de adotar metodologias ativas.

Neste capítulo realizo um aprofundamento sobre a questão das conexões e suas nuances diante de várias perspectivas, como por exemplo as dinâmicas de aula durante a pandemia de Covid-19, relatos da monitoria, a reflexão sobre o ensino técnico e um resumo de minha participação, direta e indireta, no ensino fundamental.

Por fim, dedico o quinto capítulo, com base em tudo que vimos anteriormente, à elaboração de um plano de ensino, além de estratégias de mediação levando em conta todos os fatores apresentados nos capítulos anteriores.

1.2 Justificativa

O presente trabalho surge a partir de questionamentos a respeito de como as relações de ensino e aprendizagem são desenvolvidas no contexto da educação em artes, perpassando o ensino fundamental, médio, médio técnico e mesmo o ensino superior, tendo como ponto de partida a perspectiva da conexão dos indivíduos envolvidos.

Além disso, este trabalho se constitui de um instrumento para analisar a minha trajetória pessoal enquanto aluno e mediador, para analisar possibilidades de conexão e desenvolvimento pessoal, transpondo a experiência vivida para o formato de uma oficina para criar possíveis vínculos entre o aluno e as atividades artísticas, seus colegas de sala e a própria história do estudante.

1.3 Objetivos

- Estimular a iniciativa dos estudantes, utilizar o espaço educativo de maneira construtiva e colaborativa, além de desenvolver, através do desenho, habilidades de comunicação e expressão.
- Observar possíveis fatores que contribuem para a desconexão entre professor, aula e estudantes envolvidos.
- Considerar propostas educativas que possam diminuir a distância entre os sujeitos envolvidos, utilizando-se de metodologias ativas, experimentação e o compartilhamento de conexões afetivas e simbólicas.

2 UMA JORNADA COMO ALUNO

Convido o leitor para adentrar momentos específicos na vida deste educando no caminho a ser um educador. Como parte do recorte metodológico, apresento um pouco dos relatos de minha infância e minha relação com as artes devido ao contexto deste trabalho e da importância destas memórias. Nas palavras de Marie-Christine Josso (2004, p. 48):

Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é 'vivido' na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo é também um modo de dizermos que, nesse continuum temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe à nossa consciência e delas extrairemos as informações úteis às nossas transições conosco próprios e/ou com nosso ambiente humano e natural.

Recordo-me de maneira praticamente intacta dos meus primeiros anos no ensino fundamental. O ambiente escolar não parecia atrativo. Havia um nível de exigência comportamental que me causava paralisia, eu ouvia constantemente os apelos dos professores para que eu pudesse melhorar minha forma de agir, muitas vezes por meio de gritos e reclamações.

Meu desempenho como aluno teve vários momentos de altos e baixos, por vezes demonstrando um completo desinteresse por tudo que havia naquele espaço. Não conseguia entender o propósito de fazer amizades na escola, ou o motivo de outras crianças mostrarem hostilidade comigo sem qualquer motivo aparente. A escola deixava de ser um ambiente acolhedor para ser um confinamento temporário, ao qual era obrigado a ir diariamente sem entender os motivos, como se fosse um dever a cumprir inconscientemente.

Por vezes eu saía da sala no meio de uma aula para brincar sozinho no pátio. Ficar a sós com a minha própria imaginação por horas era muito mais convidativo do que lidar com o emaranhado de conflitos resultantes da interação com outros alunos, outras vidas que naquelas circunstâncias não possuíam ligações concretas ou diretas com a minha. Algo em mim queria mais do que somar, subtrair ou multiplicar, não me interessava tanto aprender verbos ou artigos. As atividades artísticas que

realizamos, muitas vezes em caráter lúdico por ocorrência de datas comemorativas, não conseguiram me cativar de forma alguma. Os intervalos eram pouco toleráveis e em várias ocasiões eu me dirigia para a sala dos professores para não encarar aquelas situações de constrangimento diário, derivadas das provocações constantes de outras crianças.

Naquele tempo eu fazia apenas desenhos simples, representando a figura humana através de linhas, círculos e outras formas geométricas, e muitas vezes fazia decalques, utilizando uma folha de papel sobre alguma revista de histórias em quadrinhos, e essas experimentações ocorriam fora dos momentos de aula. Eu sempre tive um hábito desde meus primeiros anos escolares de desenhar nas lousas de giz, pois era um dos poucos momentos que eu sentia um mínimo de conexão entre a escola e minha própria vida.

Um fato curioso sobre esses primeiros anos do ensino fundamental é que me recordo fidedignamente das horas que me divertia fora da escola, mas não consigo me lembrar de uma aula sequer do mesmo período. Como se tudo que ocorresse fora da sala de aula tivesse maior apelo emocional do que aquele ciclo infinito de chamadas, cabeçalhos, correções de lições de casa.

Em paralelo à vida escolar, eu realizava tratamento psicológico. Minha mãe tentava entender por que meu comportamento era tão diferente das demais crianças e por que eu não conseguia interagir direito com outros alunos. Na sala da terapeuta, havia uma quantidade ímpar de objetos e brinquedos. Eu sentia o ímpeto de interagir com aqueles objetos, mas a terapeuta ficava observando minhas reações e anotava tudo o que eu fazia, e isso me causava um imenso desconforto.

Passei por vários profissionais e estagiárias, que me faziam muitas perguntas. Pediam-me para fazer diferentes desenhos relacionados a minhas relações com o mundo, mostravam-me diferentes imagens para tentar descrever as emoções que eu conseguia detectar. Apesar da estranheza daquela situação, era um ambiente mais acolhedor do que a escola, embora eu não entendesse direito o que estava acontecendo, e nem mesmo o porquê.

Quando cheguei na quarta série, o atual quinto ano do ensino fundamental, as coisas começaram a mudar, porém de uma forma inesperada. A falta de interesse pelas aulas se tornou gritante e meu desempenho escolar se tornou problemático.

Não conseguia me concentrar, faltavam motivos para estudar, mesmo seguindo cegamente a ordem de continuar comparecendo às aulas.

Porém, foi a partir daquele momento de confusão que surgiu meu primeiro contato com as aulas de educação artística. Um professor alto e descontraído ocupava a lousa com desenhos de todo o tipo, e via meu descontrolado de uma forma diferente. Eu ainda era um aluno com graves problemas de comportamento, porém foi a primeira vez que senti um impulso de me expressar artisticamente no ambiente escolar de forma efetiva. Passei longos minutos dos intervalos desenhando na lousa motivado pela iniciativa do professor, como se o tempo não existisse. Diferente de outros professores que me repreendiam por fazê-lo, o responsável pela disciplina de artes foi mais assertivo, embora não deixasse de me repreender por outros motivos.

Desde então eu passei a ter sede por pequenas experimentações. Mas ainda assim, a realidade escolar parecia hostil. As relações sociais em minha vida permaneciam rudimentares, mas havia uma mudança que começaria a se tornar progressiva à medida que eu saía da infância e começava meus passos na adolescência.

Eu era um consumidor ávido de histórias em quadrinhos e desenhos animados e seriados que assistia na televisão. Aquele mundo midiático, livre das amarras da realidade, sempre foi um local atrativo e as relações entre realidade e ficção por vezes eram borradas. Cultivei desde a infância o hábito de criar personagens, cenários e tramas a partir de situações mundanas, pois a vida cotidiana não me bastava, ainda que tivesse que ficar sozinho com minha própria imaginação.

Assim eu chego à conclusão de que o estímulo foi parte fundamental do meu interesse pelas artes. Sem as experimentações, decalques e tentativas inocentes de reproduzir as imagens que eu absorvia da tela da televisão e das histórias em quadrinhos a minha caminhada teria um rumo completamente diferente.

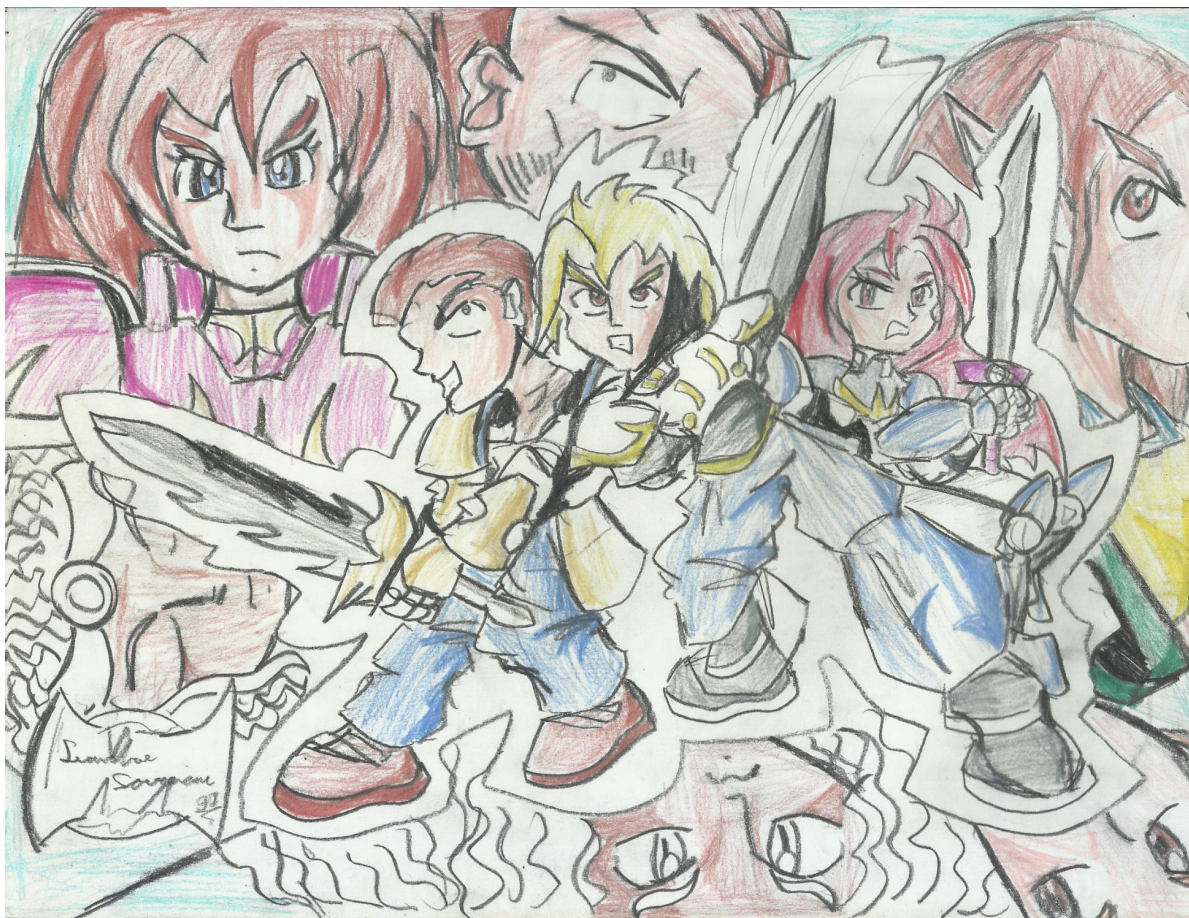
Este relato apresenta vários pontos que muitos pesquisadores e pedagogos discutem até os dias de hoje, e em especial a nossa relação com a experimentação e as artes. O filósofo e pedagogo John Dewey, em seu livro “A arte como experiência”, relata que toda experiência começa com uma impulsão, um movimento que impulsiona todo um organismo para fora e para frente e que consiste em um desejo vital da totalidade de um ser.

As impulsões formam o primórdio da experiência completa por serem advindas da necessidade que apenas pode ser saciada pela instituição de relações claras com o meio e pelo que este pode suprir (Dewey, 2010, p. 144), e que resultam posteriormente em um contraste com o desconhecido, onde o instinto é convertido em propósito e o ser vivo ganha consciência do próprio processo. Nesta situação de conflito entre o conhecimento preexistente e a experiência do novo, a atividade executada transforma-se em expressão.

Minha necessidade de expressão surgiu a partir do momento em que desejava algo mais do que a escola poderia me apresentar. Meus sentimentos se debatiam dentro de uma sala de aula monótona. Outro ponto que vale a pena ressaltar é a ausência de uma crítica em relação a técnica. Meus desenhos simplórios, durante a minha infância e pré-adolescência, queriam comunicar algo, mas eu não tinha consciência de mensagens, ou mesmo do processo de comunicação. Desenhava para me sentir bem, para criar vínculos invisíveis, para construir um espaço, tanto particular quanto coletivo, onde as pessoas poderiam fazer parte.

Naquela época eu já tinha uma noção rudimentar de narrativas e de personagens. Queria inserir as outras pessoas no meu mundo de alguma forma, ao mesmo tempo que eu apresentava dificuldades sérias para fazer parte do mundo das outras pessoas. Essa ambiguidade seguiria para a adolescência e para a vida adulta, onde o ato de desenhar e descrever narrativas imaginárias adotou um papel mais marcante.

Figura 1: Desenho realizado durante o ensino médio.



Fonte: SARRACINI, Leandro. 1999. Arquivo pessoal.

No mundo da imaginação não havia limites temáticos, ou mesmo limitações pessoais ou sociais. Eu poderia ser qualquer pessoa, que poderia interagir com qualquer pessoa dentro de uma proposta, uma história.

3 O ESTUDANTE DE ARTES QUE DESENHAVA PERSONAGENS

Durante os últimos anos do ensino regular somos confrontados com a incerteza do futuro. Muitos pensam em realizar algum processo seletivo para ingressar em universidades, outros decidem realizar algum trabalho formal. Com uma miríade de dúvidas características desse período, não é difícil encontrar estudantes indecisos quanto ao próprio futuro, e comigo não seria diferente.

Eu não tinha uma ideia clara de futuro. Minha passagem no ensino médio foi marcada por tentativas, por vezes bem-sucedidas e por outras frustradas, de pertencer ao universo da coletividade. Eu tive apenas uma única disciplina de artes durante os três anos finais do ensino formal, e isso tirou parte de meu estímulo inicial que cultivei durante o ensino fundamental. Mais uma vez olhei para fora, nos mundos que estavam fora da escola. Eu era apaixonado por jogos eletrônicos, e nesses jogos havia ilustrações e outras referências visuais que atiçaram minha curiosidade e me levavam para além do mundo enfadonho das provocações, dos julgamentos e dos problemas típicos da adolescência.

No final do ensino médio, me deparei com mudanças bruscas. Perdas familiares, uma mudança súbita de cidade e uma ausência completa de referências. Enfrentei um longo período de luto e encontrei no ato de desenhar um refúgio, um lugar onde eu tinha a liberdade de ser eu mesmo. Na conexão entre o meu imaginário e as folhas de papel eu encontraria minha conexão com a própria vida naquele instante. Desenhar foi uma resposta que eu apresentei ao problema de lidar com minhas inadequações. Poderia dizer que foi uma fuga, um mecanismo de defesa ou algo do tipo, mas foi algo mais profundo, que me despertou o desejo de interligar minha falta de conexão com o mundo com meu desejo de contar histórias. Visto que eu não tinha muitas habilidades com a escrita, logo o desenho foi a linguagem que escolhi para criar minha própria linguagem, meu meio de comunicação com o universo exterior.

Em um determinado momento, iniciei uma caminhada para me profissionalizar, entretanto nenhuma área me pareceu minimamente interessante, justamente pelo fato de não haver nenhum estímulo ou conexão entre minha própria vida e a prática profissional, além de me encontrar desprovido de um referencial de carreiras a seguir.

Figura 2: Desenho realizado durante a década de 2000.



Fonte: SARRACINI, Leandro. 2005. Arquivo pessoal.

No início, eu busquei um curso técnico na área de informática, entretanto não consegui me adaptar nem à turma e nem ao conteúdo das aulas. Quando eu percebi que havia um curso onde eu poderia expandir minha sede por atividades criativas,

não pensei duas vezes: abandonei o campo de informática e iniciei meu trajeto no curso técnico de design gráfico, na Escola Técnica Estadual Carlos de Campos.

Entretanto, devido a um episódio de violência urbana fui obrigado a deixar o curso, ficando um bom tempo em dúvida quanto ao que eu queria fazer. Felizmente, voltei mais tarde para estudar e concluir o curso, agora renomeado Comunicação Visual, na Etec de Tiquatira.

Em todos os ambientes em que passei, a questão da conexão sempre foi pertinente, pois de alguma forma faltava um vínculo mais profundo com as pessoas, por mais que meu objetivo sempre fosse a profissionalização. No final destes processos eu continuei a indagar qual era, de fato, a função de uma escola e o que estava faltando para que eu estivesse minimamente satisfeito como aluno, porém jamais deixando de desenhar.

Enveredei-me por mais experimentações. Eu queria ser um profissional das artes criativas a qualquer custo, pois na época eu acreditava que era incapaz de fazer outra coisa. “Criar” era o que me motivava a viver, e com esse pensamento fiz alguns trabalhos gráficos remunerados, além de buscar outros conhecimentos para me tornar o profissional que eu tanto queria ser. Pensei em ser artesão e comecei a aprender a técnica da porcelana fria, e tive um fascínio imediato pela confecção de bonecos. Entretanto, toda tentativa de expandir meus horizontes encontrava uma limitação clara e inevitável, que dificilmente deixaria de estar presente em minha trajetória: A falta de conexão.

No ano de 2018, iniciei meus estudos no Instituto de Artes da Unesp. A pessoa que eu era quando terminei o curso de Comunicação Visual, em 2012, e minha versão como calouro de um curso superior naquele contexto eram pessoas completamente distintas, devido a inúmeras vivências e conhecimentos adquiridos naquele intervalo. Eu via naquele momento de reinício minha última tentativa de me conectar com aquela criança inebriada pelos mundos que existiam apenas na imaginação, antes de um possível adeus em virtude de uma possível transição para uma vida adulta regular.

Em minha primeira experiência no ensino superior no curso de artes visuais, notei um modelo bem diferente do que estava acostumado no ensino técnico. Notava-se um apelo maior para a reflexão e autonomia do aluno, e ao mesmo tempo havia uma

camada estrutural que aos poucos seria uma das lentes pela qual poderíamos enxergar todo o processo: O chamado plano de ensino, que serviria de norte para todo o processo das aulas.

Me dei conta desta perspectiva enquanto estava atuando dentro da equipe de monitoria das disciplinas de Mídia no Instituto de Artes. Minha tarefa era observar processos de outras pessoas e auxiliá-las com suas limitações de execução das propostas, visto que os discentes sempre apresentavam ideias ricas em conteúdo, mas possuíam problemas em seu desenvolvimento devido a falta de tato com tecnologias digitais.

Outro ponto que eu comecei a prestar atenção foram as dinâmicas adotadas em sala de aula, que possuíam um caráter bem diferente daquele apresentado nas escolas técnicas por onde passei.

4 AS TENTATIVAS DE CONEXÃO (E A SUBSEQUENTE DESCONEXÃO)

No ano de 2020, durante o terceiro ano do curso de Artes Visuais, me deparei pela primeira vez em minha vida com questões diretamente ligadas ao ensino e à pedagogia.

Houve um choque inicial. Até então, tivemos aulas teóricas e práticas que eram voltadas para uma formação geral, porém naquele ano e nos subsequentes as disciplinas de licenciatura se apresentavam como um desafio, pois seria a primeira vez que tivemos que lidar com questões coletivas, sobre o papel de nossas experiências e nossa influência sobre o processo de aprendizado de outras pessoas.

Naquele ano ocorreu a pandemia de Covid-19, que alterou significativamente nossa percepção sobre a educação. Nesse período, vimos o quanto as relações são importantes e o quanto as distâncias podem afetar diretamente os processos de ensino e aprendizagem.

Alunos de todos os níveis encararam diferentes barreiras, como a falta de acesso à internet ou a falta de condições favoráveis para continuar os estudos, envolvendo a saúde mental, suporte financeiro e outros problemas ocasionados pela crise que se prolongou até o retorno das aulas presenciais.

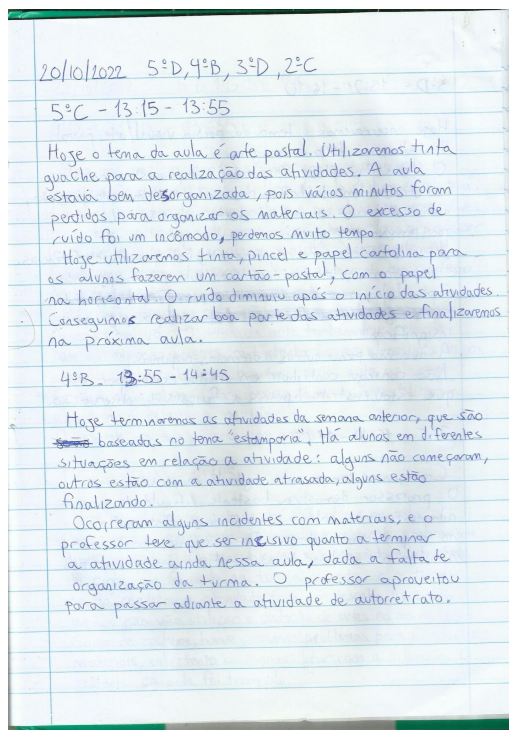
Minha experiência com o ensino remoto não foi agradável. Eu já estava com problemas para tentar me conectar às aulas e suas possibilidades, aos meus colegas de classe, ou mesmo a todo o processo de redescoberta de valores que eu havia deixado de lado antes de entrar no ensino superior devido às responsabilidades que eu assumi antes desse período. Estar diante daquele cenário frio e pouco receptivo das aulas síncronas em vídeo aumentou ainda mais minha distância com as relações humanas.

Participei de vários eventos remotos, incluindo a apresentação da minha iniciação científica no ano de 2020, no XXXII congresso de Iniciação Científica da Unesp com o trabalho “Press Start – Jogos eletrônicos e possibilidades no uso de ferramentas digitais no campo das artes visuais”, exposições, bancas de trabalho de conclusão de curso, mestrado e doutorado, além de uma experiência do chamado *Intercâmbio Virtual BRAVE* com a participação dos alunos do curso de Bacharelado e

Licenciatura em Artes Visuais em conjunto com alunos da universidade da Califórnia, no ano de 2023. Em todas essas interações fui desafiado a confrontar minhas barreiras da comunicação e traçar rumos futuros em relação a vida profissional e acadêmica, com resultados variados.

Naquele instante as perguntas inquietantes precisavam de respostas, ainda que fosse o silêncio repreendedor. Mantive meu desempenho como aluno, entretanto eu me enxergava à beira da reprovação enquanto pessoa. Assim, no contexto de uma crise pessoal, pude perceber uma correlação entre as atividades em sala de aula e as conexões que fazemos com as pessoas à nossa volta. Decidi que uma investigação sobre conexões interpessoais era o elemento que serviria de norte para meus estudos.

Figura 3 : Relatos manuscritos do estágio supervisionado



Fonte: SARRACINI, Leandro. 2022. Arquivo pessoal.

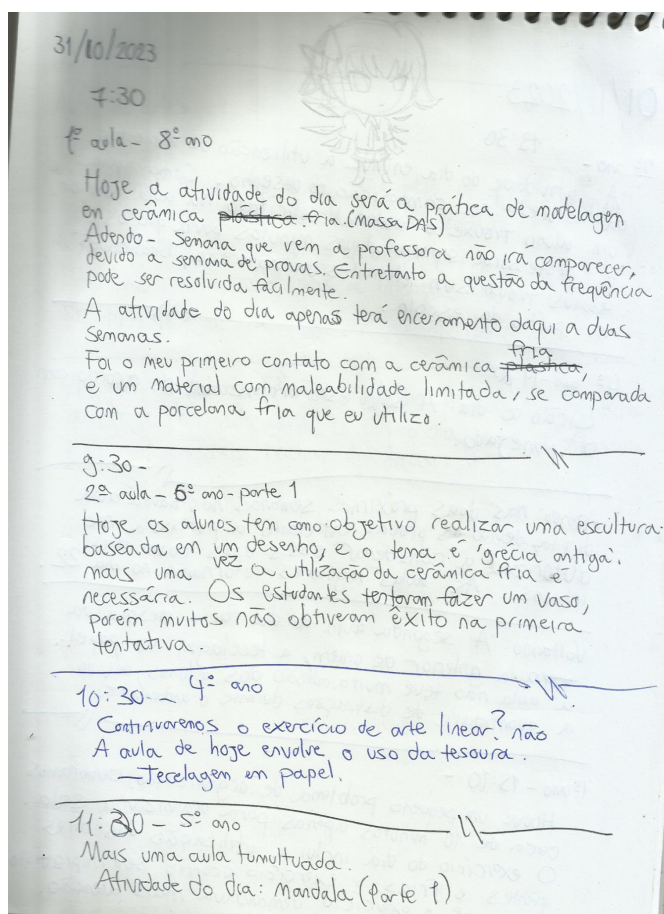
Uma certeza evidente foi a mudança de perspectiva e o quanto a figura do professor possui uma importância fundamental no processo de transmissão e compartilhamento dos saberes. Passado parcialmente o período de isolamento, decidi que seria hora de procurar escolas para realizar os estágios obrigatórios de licenciatura.

Durante meu período de estágio em uma escola pública de ensino regular eu pude observar muitos detalhes que dificilmente poderia perceber de outra forma, como o fluxo de uma aula, a disposição das crianças para as atividades, as dificuldades encontradas com relação ao gerenciamento dos materiais e os meios para lidar com os conteúdos apresentados em um curto espaço de tempo, visto que as aulas levavam em média 50 minutos. Nesta experiência eu mantive comigo um caderno onde registrava de maneira manuscrita os eventos que ocorriam dentro da sala de aula.

Em outra escola onde estagiei, desta vez um colégio particular, me deparei com problemas semelhantes: pouco tempo para executar atividades e dispersão constante. Ainda que a escola possuísse uma sala específica para as atividades de artes, os problemas continuavam ali, e percebi mais uma vez a distância entre conteúdo apresentado e atividades exercidas. Era extremamente raro ver uma criança com um desejo genuíno pelas temáticas expostas.

Em ambas as escolas, o exercício docente consistia em gerenciar a sala de aula. Muitas interferências afetam diretamente a qualidade das aulas, onde boa parte do tempo era tomada por tentativas, muitas vezes falhas, de organizar o fluxo da aula, onde os alunos apresentavam problemas comportamentais e pouca atenção para o que era apresentado em sala.

Figura 4: Relato manuscrito do estágio em escola particular.



Fonte: SARRACINI, Leandro. 2023. Arquivo pessoal.

Em contraponto a essa experiência, havia minha vivência como monitor nas disciplinas de mídia do curso de Artes Visuais. A autonomia dos estudantes era muito maior e meu papel, assim como o do professor, consistia em ser apenas um facilitador que apresenta caminhos possíveis, transferindo para o estudante a responsabilidade por gerenciar seu próprio desempenho acadêmico. Em um primeiro momento, a experiência pareceu um choque, tanto para alunos quanto para os facilitadores, visto que estamos tão engessados no modelo do ensino regular que qualquer tentativa disruptiva tende a causar estranhamento.

Diante das experiências citadas, colocando-me como aluno, pude perceber que é necessário um equilíbrio entre a promoção da autonomia e o cuidado para não deixar as aulas desgobernadas. Precisamos, como facilitadores, promover uma direção comum, diretrizes a seguir e planos para desenvolver. Há um contrato, um acordo comum para a aula proceder de forma harmoniosa e resultados serem obtidos. A principal preocupação está em como desenvolver uma aula que desperte a atenção dos alunos dentro do modelo que nos é tão familiar. Com isso, vale mencionar as palavras de Celestin Freinet (2004, p. 19):

Se o aluno não tem sede de conhecimentos, nem qualquer apetite pelo trabalho que você lhe apresenta, também será trabalho perdido 'enfiar-lhe' nos ouvidos às demonstrações mais eloquentes. Seria como falar com um surdo. [...] E cuidado! Com essa insistência ou essa autoridade bruta, você corre o risco de suscitar nos alunos uma espécie de aversão fisiológica pelo alimento intelectual, e de bloquear, talvez para sempre, os caminhos reais que levam as profundezas fecundas do ser.

Atuar como facilitador me ajudou a perceber possibilidades, e a perceber não apenas as diversas conexões de diferentes naturezas dentro de ambientes de ensino, mas também a ausência dessa mesma conexão, em vários âmbitos.

Olhando ainda para esses recortes biográficos, podemos nos guiar na metodologia de Celestin Freinet, onde através do estabelecimento de conexões entre a matéria ensinada e a vida do estudante buscava-se estabelecer a experiência do aprendizado através do chamado "texto livre" que era um relato individual do aluno na tentativa de compartilhar seus conhecimentos com o meio (Legrand, 2010, p. 16). Durante o processo de aprendizado em suas técnicas, Freinet estimulava constantemente os estudantes através da escrita, além da expressão da imagem pictórica. Em especial no campo das artes, Freinet deixaria sua marca ao estimular o uso da liberdade expressiva, muitas vezes instintiva, tanto através das cores e técnicas empregadas quanto ao caráter coletivo e comunicativo da produção dos resultados em sala (Legrand, 2010, p. 24).

Colocando lado a lado a experiência segundo os moldes de Freinet e minhas interações em minhas atuações como aluno e facilitador, posso descrever que houve uma discrepância muito grande entre um ideal capaz de promover conexões e a ação crua que estamos acostumados, constituindo-se de um modelo restritivo, gerador de dispersões.

Faço uma observação em relação a minha experiência como aluno do ensino técnico, onde mais uma vez a visão mais tecnicista e prática não deu muita margem para observar os pormenores além das atividades exercidas. Não havia muito espaço para reflexão, apenas para cumprir com o plano de ensino preestabelecido, onde a prática era tão intensa que não sobrava espaço para respirar ou contemplar os feitos. Por um lado, enxergo a experiência como positiva, visto que o ensino técnico está voltado para uma prática profissional direta, dando um espaço maior para exercícios diretos e práticas que simulam o ambiente real de trabalho.

Por outro lado, senti falta de momentos de reflexão das práticas realizadas, que só fui obter no ensino superior tendo uma visão mais holística das aulas tanto como aluno quanto no papel de futuro professor. Essas pausas para refletir despertaram-me uma curiosidade ímpar que ficou perdida nos momentos avulsos de todo meu trajeto no ensino formal, e me fez questionar profundamente meu papel na sociedade, onde fica evidente uma questão muito importante para qualquer estudante: O pertencimento, a sensação de que se está envolvido no todo, e o papel de uma instituição de ensino na sociedade. Assim, tive a ideia de realizar uma oficina baseada neste conjunto de experiências.

Percebi, também, outro aspecto impactante em minha experiência: Durante as aulas no ensino fundamental, eram apresentados os trabalhos de vários pintores e obras que geralmente vemos em aulas de história da arte, entretanto a distância entre o que era ensinado e o que era aprendido era imensa, devido ao repertório imagético das crianças, que em sua maioria era composto por elementos da cultura de massa, como histórias em quadrinhos, filmes de super-heróis, jogos, vídeos da internet e muitos desenhos animados, que não somente decoravam os pertences dos alunos, mas constituíam seu próprio mundo, seu repertório de referências de imagens, ou mesmo de mundo. Com isso, pude estabelecer os pontos de partida para essa oficina com base em tudo que foi apresentado anteriormente.

As palavras que podem definir esta oficina são “personagem” e “desenho”, que podem ser meios de ligação entre o estudante e suas emoções e seu universo particular. Desenho é um meio universal, e todos nós, em algum momento de nossa trajetória, se deparou com desenho em suas mais variadas formas, seja no percurso escolar, sejam produções animadas na televisão ou na Internet.

A questão da empatia com os personagens é um dos aspectos principais na influência dos desenhos animados durante o percurso formativo das crianças, pois ao simpatizar com os personagens a criança passa a querer “ser”, “agir” como eles. Isso tem consequências diretas na formação do comportamento infantil, pois devido ao contato com esses outros entes, a criança acaba se projetando nos personagens, sem mesmo entender muito bem os limites entre a realidade e a ficção. (Bezerra, 2012). Esta mesma experiência de identidade pode ser observada em adultos com outras formas de mídia em massa, porém de forma diferenciada, visto que são várias nuances a serem consideradas.

Nesta oficina, utiliza-se o espaço de aula para deixar o aluno livre para se expressar através da proposta de criação de um ou mais personagens, que podem possuir, ou não, uma história, um contexto, uma mensagem. A intenção é criar uma conexão, um elemento que possa interligar o participante e suas emoções, seus anseios e aspirações, seus receios e desafios através da figura do personagem, de forma a propiciar uma experiência pessoal com o processo poético, estimulando a autodescoberta e a participação ativa do aluno na atividade desenvolvida.

5 ESTRATÉGIAS DE ENSINO

Agora, na posição de mediador, consigo presenciar e experimentar um pouco do exercício de conexão. É curioso perceber o quanto podemos nos deixar moldar no processo.

Observemos, como ponto de partida, a definição de um ateliê, um espaço artístico pessoal, onde ocorrem trocas e experimentações, que se configura além de um lugar físico, sendo parte do artista, que o acompanha onde ele estiver. A própria palavra ateliê, advinda do francês *atelier*, descreve um lugar de trabalho, um estúdio e um laboratório (Cargnin Facco, 2017).

Este laboratório é um espaço de diferentes interações, além de ser um recanto pessoal do próprio artista, um lugar onde ele pode ser criterioso e apresentar uma atitude exploratória, e ainda assim ser um lugar de liberdade, algo um tanto difícil de se observar em uma aula típica de uma escola.

Durante minha atuação na monitoria eu percebi que vários discentes possuíam ritmos diferentes, prioridades diversas, e mesmo utilizavam o espaço para experimentações, o que contribui para minha ideia inicial de que as conexões influenciam diretamente nossa presença dentro de uma aula. Porém quero ressaltar que esse tipo de dispersão não é, por si só, algo negativo, visto que durante o ensino superior há um incentivo para os estudantes realizarem sua própria maneira de realizar atividades. Esses atos deliberados de agir constituem, em sua natureza, de uma experiência de laboratório que pode ser bastante produtiva, se considerarmos uma perspectiva de ensino mais aberta, sendo necessárias adaptações se quisermos partir para um território mais formal, como as classes do ensino regular.

Diante de tudo o que foi apresentado até aqui, ensaiei um plano metodológico que pudesse atender aos objetivos descritos anteriormente, a saber, um convite a contar a própria história e estabelecer conexões a partir de diferentes experiências, utilizando o desenho de personagens como meio comum. Este plano está dividido entre dois modelos: um deles é direcionado ao ensino não-formal, e outro procura uma maior aderência às competências apresentadas na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018 p. 200 – 211) para se adequar ao ensino formal.

5.1 Plano de ensino de uma oficina para o ensino não-formal

5.1.1 Objetivos

- Estimular os participantes a desenvolverem um exercício de criação, com a finalidade de promover conexões pessoais e interpessoais entre os participantes.
- Convidar os participantes a refletir sobre a relação entre imaginação, conexões pessoais e histórias de vida, através da atividade de criar personagens fictícios.

5.1.2 Conteúdo

- Desenvolvimento de personagens com base em experiências pessoais, histórias de vida e conexões afetivas.
- Debate de ideias sobre o exercício de criação e reflexão sobre o processo.
- Exercício de curadoria no processo de construção de referências imagéticas e midiáticas.

5.1.3 Metodologia

Esta oficina é voltada para estudantes de artes visuais, design gráfico, animação e outras áreas correlatas.

A oficina é composta de três encontros: No primeiro dia, os participantes apresentam a proposta: criar um ou vários personagens fictícios, baseados em experiências do aluno. Essas experiências podem ter diferentes origens e significados, e representam aspectos afetivos e visuais de cada participante. Nesta fase os alunos fazem um levantamento por escrito de referências de imagens e outras mídias, com a finalidade de construir uma base para os desenhos para o próximo encontro.

No segundo dia, a atividade adota um caráter prático, onde os alunos realizam o desenho dos personagens. Materiais diversos podem ser utilizados, como lápis de cor, marcadores, giz pastel, meios digitais e colagens. Tintas apenas podem ser adotadas se o aluno tiver proficiência com a técnica.

No terceiro dia, os participantes da oficina são convidados a refletir sobre a atividade, além de compartilhar detalhes do processo entre si. O objetivo é promover a conexão entre os participantes através das histórias e desenhos desenvolvidos nos dias anteriores.

5.2 Estruturação da aula para o ensino formal

Tema da aula: Criação de personagens

Unidade temática: Artes Visuais

Objetos de conhecimento: Processos de Criação

Habilidades:

Quarto e quinto ano:

(EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.

(EF15AR06) Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.

Sexto a nono ano:

(EF69AR06) Desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais.

(EF69AR07) Dialogar com princípios conceituais, proposições temáticas, repertórios imagéticos e processos de criação nas suas produções visuais.

Objetivos:

- Utilizar da experimentação, imaginação e observação para a construção de repertório visual.

- Investigar conteúdos pessoais e maneiras de comunicação através de elementos gráficos.
- Estimular produção artística utilizando repertório imagético pessoal.

Conteúdo: aula expositiva, exemplificação, desenvolvimento da criação de personagens, discussão sobre o processo.

Duração: 2 a 3 aulas

Recursos didáticos:

- Apresentação de slides
- Projetor (no caso de aula presencial)
- Lápis, papel, borracha, régua e outros materiais de desenho.

Metodologia:

Momento expositivo, onde os alunos precisam responder às seguintes perguntas:

- Quais seus personagens preferidos, e por quê?
- Com quais personagens elas se identificam, e por quê?
- Se você pudesse ser um personagem, quais seriam as suas características?

Durante esta etapa, os alunos são desafiados a pensar criticamente sobre suas escolhas. Por exemplo, qual seria o conflito que esse personagem teria que resolver?

Em seguida, é feita uma pergunta para a sala: se você fosse um personagem, como você se descreveria? Em seguida, os estudantes fazem uma lista por escrito dessas características. Nesta etapa, os alunos são convidados a contar as próprias histórias.

No segundo momento, é proposta a atividade de desenhar um personagem com base na etapa expositiva. Os alunos podem utilizar formas simples, ou fazer esboços. O importante aqui é a disposição e a aderência ao processo, mais do que as qualidades técnicas utilizadas. Em seguida, os alunos são convidados a fazer

uma versão melhorada ou finalizada do desenho, utilizando-se de novas informações desenvolvidas durante a fase anterior.

No terceiro momento, os alunos realizam a exposição do personagem, explicando para a sala a história deste personagem em no máximo um minuto.

Avaliação:

Será dada de acordo com o processo dos alunos, através de cada iteração, junto do resultado da atividade.

Referências:

SARRACINI, Leandro. **O ciclo dos feiticeiros**. Orientador: Pelópidas Cypriano de Oliveira. 2023. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11449/251359>. Acesso em 27 de junho de 2024.

KOBAYASHI JÚNIOR, Ricardo de Araújo. **Monstros de BLAV na Biosfera: conexões sociais como forças de transformação artística**. Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/215796>>. Acesso em 27 de junho de 2024.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero esse um ponto de partida para uma reflexão mais aprofundada sobre o papel de um mediador, e como os fatores envolvendo a conexão entre os alunos, os saberes apresentados e todo o meio que compõe o tecido social são fundamentais para a discussão sobre maneiras de tornar as aulas de artes mais participativas.

Desenvolver personagens e oferecer possibilidades de aprimoramento dessa atividade pode ser um caminho válido para o desenvolvimento de habilidades, além de aproximar estudantes, professores e conteúdo de uma maneira harmoniosa.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CARGNIN FACCO, Marta Lucia. Reflexões sobre o ateliê como lugar/espço em processos de criação em Artes Visuais. **Revista Digital do LAV**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 213–227, 2017. DOI: 10.5902/1983734826890. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/26890>.. Acesso em: 3 abr. 2024.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FREINET, Celestin. **Pedagogia do bom senso**. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- RABELO JÚNIOR, Lindolfo de Oliveira; OLIVEIRA, Mariany Santos; RIBEIRO, Rosângela de Meneses Melo. **A importância do desenho na Educação Infantil: uma atividade dotada de várias significações**. 2016. 11 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) - Faculdade São Luís de França, Aracaju – SE, 2016. Acesso em: 3 abr. 2024.
- LEGRAND, Louis. **Celestin Freinet**. Tradução e organização: José Gabriel Perissé. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. **Não sei desenhar: implicações no desvelar/ampliar do desenho na adolescência – uma pesquisa com adolescentes em São Paulo**. 1992. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992. Acesso em: 08 abr. 2024.
- NETTO, Marinilse. Ensino das artes visuais e as metodologias ativas: uma visão crítica-reflexiva . **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 18, p. e0033, 2022. DOI: 10.5965/19843178182022e0033. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/20837>. Acesso em: 5 nov. 2024.
- SOARES, Iasmim Bezerra. **Educação, infância e desenhos animados**. 2017. 53 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/42303>. Acesso em 17 de julho de 2024.